

# FOLHA DE S. PAULO



★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ DOMINGO, 3 DE JULHO DE 2016 ★ Nº 31.868

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 20H46 ★ R\$ 5,50

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 3 DE JULHO DE 2016 ★ ★ ★ esporte B3

**RIO 2016**  
MEU MOMENTO OLÍMPICO

# Transcendental

MARCADO PELO OURO DE JOAQUIM CRUZ EM 1984, GUGA LEMBRA DE QUANDO 'FLUTUOU' EM SYDNEY

GUSTAVO KUERTEN  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Tenho um momento olímpico que é de infância e outro como participante.

O primeiro é a chegada do Joaquim Cruz [ouro nos 800 m em Los Angeles-1984].

Eu tinha 11 anos, estava em Natal (RN), jogando um torneio de tênis. Fui campeão, talvez um dos primeiros em que fui campeão brasileiro. Lembro do hotel, de frente para o mar, a televisãozinha, pequenininha, e eu torcendo.

É lindo! É uma capacidade que o esporte tem que ainda é pouco aproveitada. Dou muito valor, porque é algo que definitivamente me ajudou a chegar ao meu grande sonho. Naquele dia mesmo, eu achei que ia ser o melhor do mundo, jogar tudo e acertar tudo. Não foi tanto assim, mas ajudou a acreditar nisso.

E, depois, em Sydney-2000, entrando no estádio olímpico [cerimônia de abertura]. Tinha 250 brasileiros ao meu lado, todos ídolos para mim.

Já tinha vivido a parte mais difícil da vida como esportista, que é chegar até lá, conseguir ser profissional. E via aqueles tantos brasileiros com essa capacidade de estar lá...

Apreendi na minha vida que devia respeitar americanos, europeus, australianos, caras que são fenômenos no tênis. Mas por que eu não posso ter essa mesma capacidade? Tenho competência, posso ser igual a eles. E lá dentro a sensação ficou ainda mais clara.

Convivi a infância inteira com um Brasil de inflação absurda, de a gente sendo charota no mundo inteiro. Servia futebol, servia Carnaval. Mas é difícil isso para a gente. Só que isso me alimentou a buscar uma força transformadora, para tentar transmitir esse valor do brasileiro, que encontrava uma capacidade absur-



da de ser criativo, de passar por superações diárias. Eu via pessoas com essa capacidade do meu lado. Ali ficou claro que sim, temos um povo com capacidade absurda. Atletas, amigos, me acompanhando, eu me sentia mais amparado para os desafios enormes. Naquele ano mesmo, acabei número um do mundo.

Naquela hora parecia que eu estava levando o Brasil inteiro nas costas. Eram 180 milhões que estavam saboreando comigo a sensação de que é um Brasil que dá certo.

Estamos em um momento fundamental, tomara que a Olimpíada resgate isso. Tem um Brasil que dá certo, sim. Há coisas muito gratificantes no nosso país. Mas infelizmente os escândalos não dão espaço para que isso aconteça.

Aquele momento do Joaquim Cruz é ainda mais presente na minha cabeça do que o momento como atleta. O de Sydney é mais forte, mais emocionante, mas tu não gravas direito. É tão forte que não sabe se acabou, a sensação fica presente, mas os momentos se perdem na cabeça. Parece que tu estás flutuando, voando no estádio.

A lembrança física do Joaquim é mais fácil de resgatar. A de Sydney é tão fantástica que fica sendo transcendental.

Depoimento a MARCEL MERGUZZO, de São Paulo



GUSTAVO KUERTEN  
tenista

NA OLIMPÍADA  
Disputou Sydney-2000

**FEITOS**

- Em Sydney, caiu nas quartas para o russo Yevgeny Kafelnikov, que ganhou o ouro
- Foi tricampeão de Roland Garros (1997, 2000 e 2001) e nº 1 do mundo em 2000